

**VIAGEM AO PLANETA DO MISTÉRIO:
CATEGORIAS ORIGINÁRIAS DA FILOSOFIA
EM O PEQUENO PRÍNCIPE DE SAINT-EXUPÉRY**

**VOYAGE SUR LA PLANÈTE DU MYSTÈRE:
LES CATÉGORIES ORIGINAIRES DE LA PHILOSOPHIE
DANS LE PETIT PRINCE DE SAINT-EXUPÉRY**

José da Cruz Lopes Marques¹

<https://orcid.org/0000-0002-5400-538X>

Resumo: De um modo mais amplo, o presente ensaio busca contribuir para o fecundo diálogo entre filosofia e literatura. A interface terá como ponto de partida as categorias originárias do pensamento filosófico conforme listadas por Karl Jaspers no segundo capítulo de sua *Iniciação filosófica*. Estas categorias serão debatidas em sintonia com o romance *O pequeno príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry. Ou seja, recorreremos às imagens e cenas do texto literário para debater as categorias estruturantes da filosofia.

Palavras-chave: Espanto; Dúvida; Finitude; Comunicação; Iniciação Filosófica.

Résumé: Dans un sens plus large, cet essai cherche à contribuer au dialogue fructueux entre philosophie et littérature. L'interface aura comme point de départ les catégories originaires de la pensée philosophique telles qu'énumérées par Karl Jaspers dans le deuxième chapitre de son *Initiation philosophique*. Ces catégories seront abordées en lien avec le roman *Le Petit Prince* d'Antoine de Saint-Exupéry. En d'autres termes, nous utiliserons les images et les scènes du texte littéraire pour débattre des catégories structurantes de la philosophie.

Mots clés: Étonnement; Doute; Finitude; Communication; Initiation Philosophique.

¹ Professor efetivo do Instituto Federal do Ceará (IFCE) e professor colaborador do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO-UFC). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Contato: jose.marques@ifce.edu.br.

Introdução

Em sua *Iniciação filosófica*, Karl Jaspers aponta quatro condições para o surgimento da reflexão filosófica. Para listar as três primeiras, o pensador germano-suíço recorre a nomes consagrados pela tradição filosófica. Com Platão e Aristóteles ele concorda que a origem da filosofia é o espanto quando o homem se depara e reflete sobre a complexidade do mundo que o cerca. Em segundo lugar, corroborando o pensamento cartesiano, o homem começa a filosofar quando reconhece a fragilidade das certezas obtidas pelos sentidos que sustentam seu edifício epistêmico e é atravessado pela dúvida. Para apontar a terceira origem, ele recorre à noção socrática da filosofia como ‘preparação para a morte’ (*thanatou melēte*), popularizada por Epiteto. Segundo o pensador estoico, o homem começa a filosofar quando é tomado pelo sentimento de impotência diante das situações-limite como a doença, o acaso, a culpa, o sofrimento e sobretudo a morte. Não obstante, para Jaspers, o principal elemento que representa a origem da filosofia é o desejo de comunicação, inerente aos seres humanos, mas que precisa ser caracterizado pela autenticidade existencial. Para ele, este é tanto o fundamento quanto a finalidade última da reflexão filosófica.

No presente ensaio, retomaremos essas categorias estruturantes da reflexão filosófica listadas pelo pensador existencialista alemão. No entanto, realizaremos este empreendimento a partir de um diálogo entre a filosofia e a literatura, mais precisamente, recorrendo ao célebre romance *O pequeno príncipe* (*Le petit prince*) de Antoine de Saint-Exupéry, publicado originalmente em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial. Obviamente, por falta de espaço, não abordaremos aqui todos os conceitos e ideias que podem emergir de uma leitura mais acurada da obra mais conhecida do romancista francês. Por conseguinte, o nosso foco será, seguindo a sugestão de Jaspers, apenas os elementos que caracterizam a gênese da atitude filosófica. Em termos metodológicos, tomaremos as categorias indicadas pelo filósofo alemão em sua *Iniciação filosófica* e, na sequência, procuraremos articulá-las com as cenas e imagens do texto literário.

1 – Breve nota sobre a relação entre filosofia e literatura

Naqueles dias do belo acordar das forças espirituais, os sentidos e o espírito não tinham, com rigor, domínios separados; a discórdia não havia incitado ainda a divisão belicosa e a determinação das fronteiras
(SCHILLER, 2002, p. 40).

Na passagem acima, Friedrich Schiller, filósofo e poeta alemão do século XVIII, refere-se ao tempo áureo da cultura grega em que, no seu entender, havia uma perfeita sintonia entre razão e sensibilidade, entre a reflexão e a intuição poética, entre filosofia e arte. Para ele, esta dimensão estética, perdida ao longo da história, deveria ser reintroduzida no espírito humano, pois, somente desta forma, o homem poderia desfrutar da verdadeira liberdade, razão porque o pensador alemão defende a necessidade de uma educação estética do homem.

Em termos históricos, a interface entre a reflexão filosófica e a literatura remonta aos primórdios da filosofia. Desde os antigos pré-socráticos, o diálogo entre estas matrizes epistêmicas tem sido fecundo. Sugestivamente, em sua maioria, os primeiros filósofos construíram suas especulações cosmológicas em torno da *archê* por meio de composições poéticas, como se vê nos poemas *Sobre a natureza* escritos por Parmênides, Empédocles, Xenófanes, Melisso de Samos, etc. Com efeito, “imagens e metáforas estão presentes na elaboração das primeiras e grandes questões filosóficas como as do ser e do não-ser, do ser e do pensar, da verdade e da falsidade” (ROHDEN; PIRES, 2009, p. 63). Mesmo em filósofos como Platão, avesso aos poetas nos moldes de Homero, a reflexão filosófica não hesita em lançar mão de categorias literárias, conforme percebemos nos célebres mitos da Caverna e da Parelha alada encontrados, respectivamente, na *República* e no *Fedro*, além da noção de mito verossímil que explica a origem do cosmos na narrativa do *Timeu*.

Estrito senso, o diálogo entre filosofia e literatura tem ocorrido ao longo da história em uma via de mão dupla. Por um lado, a filosofia tem se servido de categorias literárias em seu exercício, acrescentando imaginação, criatividade e sensibilidade à aridez dos conceitos propriamente filosóficos. Da hipótese imaginativa do ‘Gênio maligno’, empregada por Descartes em suas *Meditações* aos *Diálogos sobre a religião natural* de David Hume, do uso da pseudonímia e dos personagens que tipificam categorias filosóficas em Kierkegaard ao emprego de fábulas, analogias, aforismos e poemas na filosofia nietzschiana, os exemplos de apropriação da literatura por parte da filosofia são bastante variados. A via contrária, não

obstante, também tem ocorrido com frequência. Os mais áridos temas filosóficos têm sido discutidos a partir das produções literárias, desde os romances filosóficos de Camus ou Sartre explorando os temas da filosofia existencial, passando pelo romance fantástico de Julio Cortazar e Jorge Luiz Borges, cujos personagens tipificam conceitos filosóficos a exemplo de *Funes*, *O memorioso*, até a poesia simbólica de Cruz e Sousa e Fernando Pessoa.

Na terceira seção da obra *O mito de Sísifo*, na qual explora o tema do absurdo existencial, Albert Camus, discute a relação entre a filosofia e o romance. Nesse texto, o escritor franco-argelino sentencia que “os grandes romancistas são romancistas filósofos” (CAMUS, 2019, p. 83). Camus faz esta assertiva antes de listar uma série de romancistas que estariam nessa categoria. Em sua lista constam nomes como: Balzac, Sade, Melville, Stendhal, Dostoievski, Proust, Malraux, Kafka, etc. Mas o que existe de especial nestes romancistas para que o autor de *O homem revoltado* os coloque nessa categoria? Seria pelo fato desses romancistas inserirem sorrateiramente em suas obras os mais intrincados e abstratos conceitos filosóficos? Na contramão dessa possibilidade, a resposta de Camus aponta para o potencial filosófico da literatura e do romance, em especial. Não se trata de um relação de dependência, onde o texto literário precisa do arcabouço conceitual da filosofia para se justificar, mas da capacidade que o romance tem de criar conceitos a partir de suas imagens sensíveis. Nos seus termos, o que os coloca em destaque diz respeito

à opção que fizeram de escrever com imagens mais que com raciocínios revela um certo pensamento que lhes é comum, persuadido da inutilidade de todo princípio de explicação e convencido da mensagem instrutiva da aparência sensível. Consideram a obra como um m e ao mesmo tempo como um princípio. É a culminação de uma filosofia muitas vezes não manifesta, sua ilustração e seu coroamento” (CAMUS, 2019, p. 83).

Com isto, o existencialista francês salienta a importância da interface entre literatura e filosofia, o modo como este encontro possibilita um olhar mais abrangente e enriquece o nosso conhecimento acerca da realidade. De um modo semelhante, Luc Ferry (2012) sugere que a história da filosofia deveria ser estudada em conexão com a história da arte e não com a história da ciência. Uma ideia de Kant ou Nietzsche, segundo ele, é como uma pintura de Kandinsky ou Manet. Esse caráter atemporal das ideias filosóficas, a exemplo das obras artísticas é uma das características que diferencia o pensamento filosófico do conhecimento científico.

Inegavelmente, alguns dos elementos mais importantes da produção do conhecimento perpassam tanto a filosofia quanto a literatura. Antes de tudo, filosofia e literatura são formas

de pensar o mundo. Tanto em uma quanto em outra, o pensamento em sua espontaneidade, criatividade e rigor, interage com a realidade que nos cerca. Neste sentido, não nos estranha o fato que a filosofia tenha se apresentado como substituta da narrativa mítica, ambas tentativas de pensar e compreender o mundo. Neste sentido, vale lembrar aquilo que afirma Martin Heidegger em sua *Introdução à metafísica*. Mesmo considerando a radicalidade da reflexão filosófica, o filósofo alemão faz questão de destacar que a poesia é o único saber que se aproxima da filosofia, pois também se propõe a pensar o mundo. “No poetar do poeta, como no pensar do filósofo de tal sorte se instaura um mundo, que qualquer coisa, seja uma árvore, uma montanha, uma casa, o chilrear de um pássaro, perde toda monotonia e vulgaridade” (HEIDEGGER, 1999, p. 55).

O exercício do pensamento tem por finalidade a criação de conceitos, elemento que, mais uma vez, une filosofia e literatura. De fato, neste empreendimento, é indispensável a parceria entre reflexão (filosofia) e imaginação (literatura). Deleuze (2013), ao mesmo tempo em que atribui como tarefa máxima da filosofia a criação de conceitos, ressalta a existência de uma relação de ressonância mútua entre filosofia, literatura e ciência, onde cada uma interfere constantemente na outra. O emergir do conceito precisa tanto do rigor lógico da reflexão quanto da liberdade criativa do exercício imaginativo. Isso significa que a criação do conceito tem no encontro entre filosofia e literatura o seu terreno ideal.

Por fim, como nos lembra Paviani (2003, p. 459) sobre a interface entre as duas disciplinas, “ambas têm em comum o poder da palavra, o cuidado com a linguagem que interroga o ser, o pensamento das origens. Neste sentido, filosofia e literatura, além do conhecimento das coisas, têm em comum o desejo de alcançar a sabedoria”. Percebe-se, portanto que, do ponto de vista do conhecimento, o diálogo entre literatura e filosofia encontra-se devidamente justificado. No final das contas, embora estando em domínios diferentes, ambas trabalham com as mesmas categorias epistêmicas fundamentais, como se observa na tríade pensamento/conceito/palavra. Ao recorrer à imaginação, à intuição poética e à sensibilidade, o texto literário não é carente de razão. Evidentemente, neste caso, não se trata de uma racionalidade fria e desconectada do *pathos* humano, mas uma razão, desde a sua gênese, conectada com o *pathos*, uma razão logopática², para recorrer a um termo cunhado pelo professor Julio Cabrera.

² Segundo Cabrera (2006, p. 21), “saber algo, do ponto de vista logopático, não consiste apenas em ter informações, mas também em estar aberto a certo tipo de experiência e em aceitar deixar-se afetar por uma coisa de dentro dela mesma, em uma experiência vivida”.

2 – Sobre o estatuto filosófico de *O pequeno príncipe*

“A obra de arte digna do nome não é nem o artesanato local nem o universal descarnado e insosso que o resultado de uma pesquisa científica pura representa. E é isso, essa singularidade, essa individualidade nem apenas particular, nem inteiramente universal, que amamos nela”.

(LUC FERRY, 2012, p. 159).

No presente trabalho, num exercício de logopatia, recorreremos às imagens e categorias literárias para debater os conceitos e temas filosóficos. De um modo mais específico, recorreremos ao célebre romance *O pequeno príncipe* (*Le petit prince*) do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry para debater as categorias fundantes da reflexão filosófica listadas oportunamente por Karl Jaspers. Neste sentido, personagens, cenas e imagens encontradas no clássico da literatura infanto-juvenil serão empregadas para discutir os elementos que impulsionam a reflexão filosófica, tais como: espanto, dúvida, finitude e anseio por comunicação. A esta altura cabe um questionamento sobre o estatuto filosófico da obra escolhida. Estaria Exupéry na categoria dos romancistas filósofos, conforme categorizados por Albert Camus acima? Em que sentido *O pequeno príncipe* se presta a uma análise filosófica?

Indubitavelmente, em algumas obras literárias, este aspecto é visto de um modo mais imediato, a exemplo do *Cândido* de Voltaire, dos *Irmãos Karamazov* de Dostoiévski, da *Metamorfose* de Kafka, do *Estrangeiro* de Camus ou da *Insustentável leveza do ser* de Milan Kundera, historicamente consagrados como romances filosóficos. Nossa proposta, não obstante, tem como objeto de análise uma obra cujo teor filosófico não tem sido lembrado com frequência na categorização de romances ditos filosóficos. No entanto, uma leitura cuidadosa revela que os temas filosóficos percorrem de um modo marcante a obra *O pequeno príncipe* de Saint-Exupéry.

Embora tenha sido popularizada como literatura infantil e a despeito de sua brevidade, este romance possibilita a reflexão de uma variedade de temas filosóficos. Não é à toa que Ravoux (2008) denominará a obra de seu compatriota Saint-Exupéry como o maior tratado de metafísica do século XX. Obviamente, alguém poderá notar certo exagero na afirmação do antigo professor de filosofia da Universidade de Marselha, afinal de contas, estrito senso, nem estamos diante de um tratado nem de uma obra que pretendeu ser a maior do seu gênero, mas o fato é

que a densidade filosófica desta obra parece indiscutível. Utilizando-se da imaginação, de elementos autobiográficos e do simbolismo poético, o escritor francês percorre o mundo misterioso e encantador do conhecimento. Um exemplo marcante desse elemento simbólico–filosófico pode ser encontrado no exemplo da rosa, conforme nos lembra Pereira (2014, p. 13) em sua análise filosófica deste romance:

A Flor é o símbolo do absoluto ontológico do novo, mesmo quando nascido no meio do comum visto como indiferenciado, mesmo quando se desconhece absolutamente a sua proveniência ontológica. Assim sendo, surgindo como que do nada, pelo menos de um nada de intuível causalidade, a Flor surge como o absoluto ontológico: a Flor é absolutamente no ato que é, independente de tudo o mais.

A rigor, *Le petit prince* não é um livro exclusivamente para crianças. É, na verdade, uma obra para todos aqueles que, como uma criança plena de curiosidade, embarcam na viagem fascinante do conhecimento. Por trás da linguagem simples e das indagações infantis há reflexões profundas sobre a ética, sobre o conhecimento e sobre o sentido da existência em geral. Esse viés foi bem percebido por Silva e Chaves (2017) na instigante comparação entre o espírito cativo de *O pequeno príncipe* de Saint- Exupéry e o espírito livre do *Príncipe Vogelfrei* de Nietzsche. Infelizmente, esforços semelhantes são ainda pouco frequentes no Brasil.

É preciso, ademais, resistir à tendência reducionista em relação aos temas contemplados no romance. De limitar a narrativa ao tema da amizade ou ao papel da imaginação criadora. De fato, ao longo de *Le petit prince*, a lista de temas e conceitos filosóficos é bastante variada. Essa variedade nos permite a elaboração de uma verdadeira introdução à filosofia perpassando os principais eixos-temáticos do estudo da filosofia. No romance encontramos temas da epistemologia como a noção de espanto, dúvida, dialética, percepção e imaginação, temas da ética, a exemplo da natureza da amizade, do amor, da felicidade e da morte, temas relacionados à filosofia política a partir dos conceitos de poder, consumismo, trabalho, utilidade e alienação, temas ligados à estética a exemplo da relação entre beleza e utilidade, a função do artista e da validade dos juízos estéticos. Até mesmo temas da filosofia da ciência como objetividade e neutralidade científica, podem ser debatidos a partir do romance de Saint-Exupéry. No entanto, como ressaltamos acima, no presente ensaio, focaremos as categorias fundamentais que impulsionam o despertar da reflexão filosófica.

3 – As perguntas do pequeno príncipe: o espanto diante do mistério

“- E meu pôr-do-sol? lembrou o principezinho, que nunca esquecia a pergunta que houvesse formulado”.

(SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 40).

Como foi lembrado acima por Jaspers, o espanto é um dos elementos que marcam as origens do pensamento filosófico. A essa altura, seria oportuno precisar em que sentido o pensador germano-suíço emprega a noção de origem na obra supracitada. Para ele, é preciso diferenciar o termo de início ou princípio. Diferente do início, que se caracteriza por uma relação espaço-temporal, apontando para lugares e períodos históricos, a origem, esclarece Jaspers (1998, p. 23), “é a fonte de onde dimana o impulso para o filosofar. É este que confere sentido a cada uma das filosofias vigentes e que permite entender as filosofias anteriores”. É neste sentido sugerido por Jaspers que recorreremos à narrativa de *O pequeno príncipe* para discutir as categorias originárias da reflexão filosóficas. Dito de outro modo, observaremos o modo como os personagens, diálogos, cenas e imagens do romance de Saint-Exupéry ilustram de modo vívido e cativante essas categorias fundamentais do pensamento, deixando evidente no enigmático habitante do asteroide B612, aquilo que poderíamos designar como uma atitude filosófica.

Começemos pela categoria do espanto. Embora Jaspers inicie sua lista dos elementos que marcam as origens do pensamento filosófico pela noção de espanto, deve ser ressaltado que sua ordem não é cronológica, mas lógica, uma vez que, esse sentimento de perplexidade diante do mistério que nos rodeia parece ser de todos o impulso mais fundamental para o filosofar. Atravessado pela perplexidade que emana do mistério, o homem começa a sua jornada em busca do sentido. Ao ligar o termo a Platão, o pensador alemão tem em mente uma passagem do *Teeteto*, diálogo no qual o filósofo grego debate sobre a origem do conhecimento. Vejamos:

TEET— Pelos deuses, Sócrates, como me espanto muitíssimo com o facto de ser assim e, por vezes, quando verdadeiramente olho para isso, fico tonto.

SOC. — Efectivamente, meu amigo, Teodoro parece não ter adivinhado mal a tua natureza. Pois o que estás a passar, o maravilhares-te, é mais de um filósofo. De facto, não há outro princípio da filosofia que não este, (PLATÃO, 2010, p. 212, 155d).

A mesma ideia é encontrada em Aristóteles. Se, em Platão, o espanto é empregado para marcar a radicalidade do pensamento filosófico em relação a outros conhecimentos, a exemplo da geometria, o autor da *Metafísica* enfatiza o aspecto gradual do conhecimento, sendo o *thaumadzo* (admiração) o seu ponto de partida. Assim, em Aristóteles, esta noção não aponta apenas para o surgimento da filosofia, mas caracteriza a atitude que impulsiona toda tarefa filosófica ao longo da história. Nos seus termos, “os homens começam e começaram sempre a filosofar movidos pela admiração. No princípio, admirados pelos fenômenos mais comuns, aos poucos avançando para problemas maiores como as fases da lua e relativos ao sol e às estrelas e a origem do universo” (ARISTÓTELES, 1982, p. 14, 982b).

Embora os termos espanto (*étonnement*) e admiração (*admiration*)³ ocorram poucas vezes no romance de Saint-Exupéry, as expressões desse pasmo essencial diante do mistério se multiplicam ao longo da narrativa. A todo momento percebemos como a busca e processo do conhecimento é antecedido por uma atitude de profundo interesse frente o desconhecido. Para início de conversa, a categoria do espanto está presente nas metáforas e imagens empregadas por Exupéry para construir sua narrativa. Neste sentido merecem destaque a figura da criança usada para tipificar aquele que anseia pelo conhecimento e a metáfora da viagem para identificar a busca incessante do homem tentando descortinar o véu assombroso do mistério. De fato, não é fortuita ou desprezível a escolha do romancista francês de uma criança para protagonizar a sua obra. Vale lembrar a curiosa dedicatória escrita por ele. De modo sugestivo, Saint-Exupéry dedica *Le petit prince* a um adulto, o seu amigo Léon Werth⁴. Na sequência, o romancista se desculpa por dedicar sua obra a um adulto e corrige a sua menção dirigindo-se à criança que esse adulto já foi, ou, nos termos de Saint-Exupéry (2006, p. 7), “a Léon Werth quando ele era criança”.

A dedicatória corrigida merece uma explicação já que aponta exatamente para a categoria do espanto que desencadeia o processo da reflexão e do conhecimento. Estrito senso, Exupéry não se dirige a todo e qualquer adulto, muito menos às crianças de um modo literal. A figura, com efeito, é empregada de forma simbólica, numa espécie de tipologia daquele que,

³ Rigorosamente falando, *étonnement* ocorre apenas uma vez no texto original. O mesmo acontece em relação ao termo *admiration* (SAINT-EXUPÉRY, 1999, p. 16, 35).

⁴ Nascido em 1878, descendente de família judia, Léon Werth foi amigo e confidente de Exupéry. Foi crítico de arte, poeta e ensaísta descrevendo com grande precisão sobre a sociedade francesa durante a Primeira Guerra Mundial. A razão por que Exupéry afirma que seu amigo se encontrava sofrendo fome e sede deve-se, provavelmente, às condições impostas pela ocupação nazista na França. Dois anos antes, Saint-Exupéry já havia dedicado outra de suas obras ao amigo íntimo, *Carta a um refém*, em que reflete sobre as atrocidades da guerra. Por sua vez, Werth também escreveu uma biografia sobre o amigo intitulada *La Vie de Saint-Exupéry*.

independente da idade, ainda conserva o pasmo essencial pelo conhecimento, de todo que tal qual uma criança é tomada por um encantamento diante do desconhecido, que é capaz de olhar com paixão e interesse mesmo para as coisas mais triviais. Em suma, a criança carrega sempre a representação daquele que está em um processo constante de criação e recriação. A título de exemplo, ao falar sobre as três transmutações do espírito humano em seu *Zarathustra* Nietzsche emprega exatamente a metáfora da criança para representar o homem que adquiriu nova consciência, tornando-se capaz de recriar seus valores. A criança, nos lembra Jaspers (1998, p. 16), “é ainda receptiva a tudo, no sentido de que a vida é contínua criação; ela sente, vê e pergunta para um pouco mais tarde tudo esquecer”.

Certamente, é esta atitude receptiva e espontânea diante do conhecimento encontrada na criança que o romancista francês tem em mente. A criança se entrega de modo completo, gracioso, e genuíno à experiência do novo. Isso nos faz lembrar a lição comunicada pelo príncipe ao manobrista da locomotiva: “Só as crianças sabem o que procuram. Perdem tempo com uma boneca de pano, e a boneca se torna muito importante, e choram quando ela lhes é tomada...” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 75). Esta constante abertura para o novo, esse impulso vital para criar e recriar é certamente o que caracteriza o espanto enquanto categoria originária da filosofia. Espantar-se é a atitude esperada daquele que ainda não banalizou o conhecimento e não foi capturado pela prisão das convenções e se deixou levar pelo simulacro das opiniões cristalizadas.

O espanto nos leva a inquir a realidade em busca de respostas. Existe, portanto, uma maravilhosa ambiguidade no mistério. Se, por um lado, ele representa o limite do conhecimento, por outro, ele se caracteriza como força que impulsiona a busca pelo conhecimento. É precisamente esta atitude que encontramos no protagonista do romance. Ávido por conhecimento, o pequeno príncipe não se constrange em insistir na pergunta até que a resposta seja devidamente apresentada, ainda que o interlocutor tente desviar o assunto. Sugestivamente, Saint-Exupéry repete a máxima segunda a qual ‘o pequeno príncipe jamais desistia de uma pergunta’ em diferentes momentos de sua narrativa. A ênfase é empregada para marcar a suspeita do príncipezinho em relação às respostas apresentadas. A título de ilustração, vejamos o diálogo abaixo:

- Mas nós não anotamos as flores, disse o geógrafo.

- Por que não? É o mais bonito!

- Porque as flores são efêmeras.

- Que quer dizer "efêmera"?

- Nós escrevemos coisas eternas.

- Mas os vulcões extintos podem se reanimar, interrompeu o príncipezinho. Que quer dizer "efêmera"?

- Que os vulcões estejam extintos ou não, isso dá no mesmo para nós, disse o geógrafo. O que nos interessa é a montanha. Ela não muda.

- Mas que quer dizer "efêmera" repetiu o príncipezinho, que nunca, na sua vida, renunciara a uma pergunta que tivesse feito (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 38).

Em seu estudo sobre *O pequeno príncipe* intitulado *Isso não é um chapéu*, Clécio Branco pontua sobre o caráter persistente das perguntas das crianças. Segundo ele, “as crianças não se satisfazem com as respostas dos adultos porque elas não remetem a processos; são sempre respostas com o propósito de encerrar uma conversa, de barrar um fluxo e espantar um devir” (BRANCO, 2024, p. 81). A insistência na pergunta evidencia a atitude daquele que está sedento por respostas, daquele que entende o conhecimento como um perpétuo devir. Esta é, certamente, a atitude do protagonista de Saint-Exupéry. De fato, a mente inquiridora do príncipezinho não deixa nada passar despercebido, sejam questões que envolvam o mero significado de um termo, como no exemplo acima, sejam problemas mais intrincados a exemplo da utilidade dos espinhos das flores. Por outro lado, uma atitude anti-filosófica se revela não apenas na incapacidade de fazer perguntas, mas no fato de acatarmos as repostas superficiais e contraditórias sem suspeitarmos de sua fragilidade. Neste aspecto, a conduta do príncipe é novamente exemplar. Ele tem sempre novas perguntas para as repostas despreziosas e escapistas. Assim, nesse jogo de perguntas e respostas, à maneira da ironia socrática, ele leva seu interlocutor a assumir as contradições da resposta apresentada. Histórias de um rei que se declara um monarca absoluto, mesmo sabendo que é o único habitante do seu planeta, de um bêbado que confessa que bebe para esquecer que tem vergonha de beber ou do homem de negócios que teve a ideia de possuir estrelas, mas é incapaz de esclarecer a utilidade de possuí-las.

Jaspers foi preciso ao ressaltar a dimensão ambivalente do espanto referido acima. Esta dimensão, que remonta ao princípio socrático deduzido da Apologia⁵, aponta tanto para o

⁵ A máxima socrática ‘Só sei que nada sei’ é, provavelmente, deduzida da passagem seguinte: “À medida que me afastava, pensei comigo: ‘Sou mais sábio do que esse homem; nenhum de nós dois realmente conhece algo admirável e bom, entretanto ele julga que conhece algo quando não conhece, enquanto eu, como nada conheço,

reconhecimento de nossa ignorância quanto para o impulso em direção ao conhecimento. O espanto nos impele ao conhecimento. Por ele, assevera o pensador alemão, “torno-me consciente de minha ignorância. Procuro conhecer por amor ao próprio conhecimento e não para satisfazer qualquer necessidade trivial” (JASPERS, 1998, p. 24). Esta ideia de que o reconhecimento de nossa ignorância é o primeiro passo para o conhecimento aparece de um modo vibrante no romance de Exupéry. É, por exemplo, esta percepção que move o ilustre habitante do asteroide B612 em sua viagem interplanetária. É a constatação de que não consegue compreender os ardis de sua rosa que o faz embarcar nessa viagem rumo ao conhecimento. Nas conversas com seus interlocutores, esta atitude o faz inquiri-los, por exemplo, acerca do sentido de um termo. ‘Que quer dizer admirar?’, pergunta ao homem vaidoso. ‘O que é regulamento?’, indaga ao acendedor de lampiões. ‘O que significa cativar?’, questiona à raposa, demonstrando interesse no diálogo. É o reconhecimento da ignorância que o faz se dedicar a conhecer aquilo que é aparentemente trivial, a querer saber o motivo das flores continuarem a produzir espinhos se eles são incapazes de protegê-las, de entender por que flores não podem ser catalogadas pelos manuais de geografia ou como é possível colocar as estrelas em um banco e possui-las. Em suma, o príncipe de Exupéry está tomado pelo espanto, o mesmo espanto que nos lança a cada momento na eterna novidade do mundo e que nos leva às origens do pensamento filosófico, como asseverou Jaspers.

4 – Rumo a planetas desconhecidos: a dúvida e as inquietudes da viagem

“O principezinho ainda não estava satisfeito.

- Eu, se possuo um lenço, posso colocá-lo em torno do pescoço e levá-lo comigo. Se possuo uma flor, posso colher a flor e levá-la comigo. Mas tu não podes colher as estrelas”.

(SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 46).

Vimos que Karl Jaspers lista a dúvida como a segunda categoria originária da filosofia. Jaspers tem em mente, sobretudo, a dúvida metódica desenvolvida por Descartes nas *Meditações*. Como sabemos, o racionalista francês chega a sua doutrina do *cogito* (primeira certeza), depois de um longo processo em que aplica o mecanismo da dúvida às certezas outrora abraçadas. Logo na primeira meditação, Descartes aponta que, por vezes, os sentidos nos fornecem um testemunho ilusório da realidade. Por esse motivo, conclui, “seria um ato de prudência não se fiar completamente em quem já nos enganou uma vez” (DESCARTES, 2004,

não julgo tampouco que conheço. Portanto, é provável, de algum modo, que nessa modesta medida seja eu mais sábio do que esse indivíduo - no fato de não julgar que conheço o que não conheço” (PLATÃO, 2019, p. 43).

p. 250). Se os sentidos são a base na qual todo o edifício do conhecimento se sustenta, uma vez que esta base é colocada sob suspeição, Descartes vê a necessidade de submeter ao exercício da dúvida todos os conhecimentos obtidos até então, pois, na sua analogia, a “ruína dos alicerces carrega necessariamente consigo todo o resto do edifício” (DESCARTES, 2004, p. 250). Contudo, o pensador francês segue aplicando sua dúvida metódica para além dos conhecimentos sensíveis, atingindo até mesmo os conhecimentos mais objetivos a exemplo daqueles encontrados na matemática e na geometria. Para ele, bastaria concebermos a ideia de um gênio maligno que tivesse por passatempo nos enganar para pormos em dúvida tais conhecimentos. Ele poderia muito bem nos confundir todos as vezes que adicionamos dois números e obtemos um resultado ou quando contemplamos os três lados de um triângulo. Contudo, esse gênio maligno não poderia nos enganar acerca de nossa própria existência. Se ele me engana, pressupõe-se, pelos menos, que eu exista para poder ser enganado. Em termos cartesianos, “não há dúvida alguma de que eu existo, se ele me engana; e, por mais que me engane, nunca poderá fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa” (DESCARTES, 2004, p. 258).

Em que sentido Jaspers coloca a dúvida como categoria fundante da filosofia? Obviamente, o pensador germano-suíço tem em mente o fato de, a partir do exercício da dúvida, Descartes conseguir chegar a uma primeira certeza, na qual fundamentaria todo o seu sistema filosófico. O famoso *‘Penso, logo, existo’*, é estabelecido após a execução do cuidadoso trajeto da dúvida metódica. Voltando ao romance de Saint-Exupéry, percebemos que a categoria da dúvida está presente de um modo marcante no protagonista. As verdades descobertas satisfazem o espanto num primeiro momento, mas, considerando o caráter dinâmico do conhecimento, a dúvida logo abala as certezas aparentemente invioláveis. No final das contas, nos lembra Jaspers (1998, p. 4) a propósito do conhecimento, “nada é seguro se não analisado criticamente”. Por outro lado, este jogo dialético entre dúvida e descoberta é precisamente aquilo que marca a essência da reflexão filosófica, segundo Merleau-Ponty. Nas palavras do pensador francês, “a filosofia não é a passagem de um mundo confuso a um universo de significações fechadas. Ao contrário, ela começa com a consciência daquilo que corrói e faz ruir, mas também renova e sublima nossas significações adquiridas” (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 26).

No *Pequeno príncipe*, a dúvida filosófica pode ser explorada de duas maneiras. Primeiramente, recorramos à sugestiva metáfora da viagem empregada pelo romancista francês. De fato, se considerarmos a indicação de Deleuze e Guattari (1992, p. 77) de que “a

filosofia é devir, não história; coexistência de planos, não de sistemas”, a figura da viagem, marcada pela potência e ao mesmo tempo pela incerteza, se constitui em uma excelente analogia da dúvida filosófica. Como sabemos, em sua angústia juvenil por não saber lidar com a sua rosa, o príncipezinho empreende uma viagem interplanetária em busca de conhecimento. A viagem carrega sempre a marca do devir. Não no sentido de que o próximo planeta é uma continuação do anterior ou sua realização máxima, mas no sentido de apontar para o dinamismo do conhecimento. Ir ao próximo planeta é a indicação de que o mecanismo da dúvida se estabeleceu tornando inconclusas as respostas encontradas no planeta anterior. Cada novo planeta, portanto, vela uma experiência radicalmente nova. Há sempre novos caminhos a serem trilhados, novas pessoas a conhecer, novos diálogos a travar, novas verdades a descobrir. O que foi aprendido no planeta do rei não elimina a necessidade de ir ao planeta do homem vaidoso, a conversa com o acendedor de lampiões não prescinde do diálogo com o geógrafo e assim por diante. Neste sentido, a dúvida é o combustível da viagem, é ela que alimenta as idas e vindas da longa viagem rumo ao planeta do conhecimento. Sem ela, nos acostumamos às certezas supostamente seguras dos planetas já trilhados e conhecidos. Estas certezas, para além de sua aparência de segurança, são prisões que paralisam o dinamismo vital do conhecimento.

Sugestivamente, cada vez que o pequeno príncipe encerra o diálogo com o seu interlocutor em um planeta visitado, sua conclusão é a seguinte: “As pessoas grandes são muito estranhas”. A declaração do nosso viajante interplanetário manifestando a sua perplexidade, demonstra exatamente que suas dúvidas não foram sanadas no diálogo com seu interlocutor. O sentimento de estranheza que angustia o seu espírito é a evidência que sua viagem não chegou ao fim. Perceber a estranheza de algo, é assumir que há nele algo que não foi compreendido, constatar que há nele uma incongruência que não foi decifrada pela razão.

Na edição original francesa existe uma sutileza no modo como Exupéry joga com as palavras dessa declaração, parecendo indicar que à medida em que o príncipezinho debate com seus anfitriões, longe de serem resolvidas, sua dúvida e perplexidade parecem aumentar. Na primeira ocorrência, no planeta do rei, a declaração é de que “as pessoas grandes são bem estranhas. (*Les grandes personnes sont bien étranges*)”. Na ocorrência seguinte, diante do narcisismo do homem vaidoso a declaração adquire um tom mais enfático: “as pessoas grandes são decididamente bem bizarras. (*Les grandes personnes sont décidément bien bizarres*)”. No planeta do bêbado, a sentença ganha mais destaque passando a ser transcrita na forma superlativa: “as pessoas grandes são decididamente bem, bem bizarras. (*Les grandes*

personnes sont décidément très très bizarres)”. Enfim, no planeta do empresário, a estranheza passa ao terreno do extraordinário: “As pessoas grandes são definitivamente extraordinárias. (*Les grandes personnes sont décidément tout à fait extraordinaires*)”. Quem conhece a narrativa de Exupéry, sabe como, em geral, as respostas apresentadas pelos interlocutores do pequeno príncipe em sua viagem interplanetária são evasivas, superficiais e, por vezes, contraditórias. Isso justifica o fato da dúvida do pequeno príncipe ser potencializada ao longo dos diálogos.

De fato, na maioria das conversas, as questões, problemas e dilemas levantados pelo príncipe ficam sem respostas. É o que observamos exemplarmente no final do diálogo com empresário: “O empresário abriu a boca mas não encontrou nenhuma resposta, e o príncipezinho se foi...” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 49). Esse tom aporético nos faz recordar os célebres diálogos socráticos a exemplo do *Eutífron*, do *Protágoras* e do *Teeteto*, onde após o exame das várias possibilidades de respostas a um problema, todas elas se mostram inconclusas. Como vimos, esse caráter inconcluso das respostas, potencializa a dúvida e a dúvida, por sua vez, é o impulso para que a viagem rumo ao conhecimento seja prosseguida.

A categoria da dúvida aparece de outra maneira no romance e não apenas ao término dos diálogos travados em cada planeta específico. Algumas vezes, no interior da própria discussão, um problema proposto parece ter recebido uma solução apropriada e a dúvida parece ter sido superada. Pouco tempo depois, o pequeno príncipe surpreende seu interlocutor ao apontar que a aparente solução apresentada conduz a problemas ainda mais intrincados e o mecanismo da dúvida se estabelece novamente. O diálogo com o aviador transcrito abaixo ilustra de modo preciso esse emprego da dúvida.

No quinto dia, sempre graças ao carneiro, este segredo da vida do pequeno príncipe foi de súbito revelado. Perguntou-me, sem rodeios, como se fora o resultado de uma longa reflexão:

- Um carneiro, se come arbusto, come também as flores?
- Um carneiro come tudo que encontra.
- Mesmo as flores que tenham espinho?
- Sim. Mesmo as que têm” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 21, 27).

Retomando um pouco o fio da narrativa, sabemos que o diálogo entre o pequeno

príncipe e o aviador é introduzido diante da necessidade que o viajante interplanetário tem de um carneiro. “Desenha um carneiro para mim”! Este é o pedido insistente do príncipezinho. Como sabemos, o carneiro faz parte do plano para solucionar um sério problema que ele tinha em seu planeta. Como sua habitação, o asteroide B612, era muito pequeno, o crescimento de um simples arbusto como o baobá, poderia destruí-lo por completo. Suas raízes profundas e robustas poderiam devastar o solo e superfície do diminuto planeta. Há muito, o pequeno príncipe havia deduzido que um carneiro seria a solução para o seu problema, já que ele comeria os arbustos dos baobás ainda pequenos, evitando que eles se proliferassem em seu planeta. Quando o aviador lhe entrega o desenho de uma caixa com furos, abrigando supostamente um carneiro em seu interior, o problema do pequeno príncipe parece estar solucionado.

Eis que a dúvida se instaura abalando a frágil certeza do nosso personagem e aquilo que parecia a solução do seu problema se converte em um dilema ainda mais desafiador. Se é verdade que carneiros comem arbustos, com sua dieta herbívora, eles também devem comer as flores, fato que colocava a sua rosa em iminente perigo. O príncipe estava diante de um angustiante dilema. Sem o carneiro, poderia perder o seu planeta, pois não teria como frear a proliferação dos baobás. Mas com o carneiro, ele poderia perder a sua rosa, exatamente aquilo que havia se tornado a razão de sua existência e que o movera na viagem rumo ao conhecimento. Essa dúvida inquietante acompanhará o príncipe até que uma resposta seja encontrada. Seria preciso adicionar ao desenho uma mordança para o carneiro ou um muro de proteção para a flor. Com isso, a dúvida do nosso viajante teria encontrado o seu termo. É claro que, do ponto de vista filosófico, esta certeza nunca é definitiva. Em algum momento a dúvida poderia novamente ser instaurada e levar o pequeno príncipe a novos questionamentos: como o carneiro poderia comer os baobás se estivesse amordaçado? Ou como a rosa estaria segura se um baobá crescesse exatamente em seu cercado? A verdade é que, a partir do romance de Exupéry, percebemos que a dúvida é essa categoria filosófica que não permite ao conhecimento descansar no estéril comodismo. A primeira certeza encontrada pelo exercício da dúvida, nos moldes cartesianos, nunca pode ser vista como a impossibilidade de novos questionamentos e dilemas.

4 – Hoje eu volto para casa: morte e finitude como horizontes da viagem

“- *Eu parecerei estar morto e isso não será verdade...*

Eu me calara.

- *Tu compreendes. É muito longe. Eu não posso carregar este corpo. É muito pesado.*

Continuava calado.

- *Mas será como uma velha concha abandonada. Não tem nada de triste numa velha concha... ”.*

(SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 88).

Desde a Grécia Antiga, a morte tem sido empregada como importante categoria filosófica. Com isso, não estamos afirmando simplesmente que o tema da morte tem sido frequentado pelos filósofos ao longo da história, mas no sentido de que esta noção, ao confrontar o homem com sua finitude e responsabilidade no mundo, se converte em um estímulo para a reflexão filosófica. Considerando que uma das principais tarefas da filosofia é pensar a existencia, vislumbrar o seu termo realça a seriedade e urgência dessa tarefa. De fato, a noção de que a dedicação à filosofia é uma espécie de preparação para a morte já está presente na filosofia socrática, sendo deduzida, sobretudo, dos diálogos platônicos que retratam os momentos finais de Sócrates, da *Apologia*, do *Críton* e do *Fédon*. Neste último, em resposta a Símias, Sócrates declara que “os que praticam verdadeiramente a filosofia, de fato se preparam para morrer, sendo eles, de todos os homens, os que menos temor revelam à ideia da morte” (PLATÃO, 1998, p. 57, 68). Para Sócrates, portanto, a morte é uma categoria filosófica porque leva o homem (o filósofo) à busca da sabedoria e ao cultivo da virtude. Noutros termos, pensar a morte é, em última instância, pensar a vida, do ponto de vista do seu fim, dos seus limites, sendo este pensamento capaz de reorientar a vida de quem a ele se dedica.

Foi, contudo, na filosofia helênica com sua forte orientação ética, que a ideia da filosofia como preparação para morte ganhou mais notoriedade, aparecendo, por exemplo, nas *Discussões Tusculanas*⁶ de Cícero, ideia que irá inspirar um artigo dos *Ensaio*s de Montaigne. Jaspers, como vimos, recorre a essa ideia a partir da interpretação de Epiteto, o célebre filósofo estoico romano. De fato, em uma das máximas de seu *Encheiridion (Manual)*, o filósofo-

⁶ A ideia pode ser encontrada na passagem seguinte: “Mas Catão deixou esta vida de tal modo que se sentia feliz por ter alcançado um motivo para morrer (...). Pois toda a vida dos filósofos, como diz o mesmo, é uma cuidadosa preparação para a morte” (CÍCERO, 2014, p. 91, Livro I, 74).

escravo exorta os seus ouvintes com as seguintes palavras: “Que estejam diante dos teus olhos, a cada dia, a morte, o exílio e todas as coisas que se afiguram terríveis, sobretudo a morte. Assim, jamais ponderarás coisas abjetas, nem aspirarás à coisa alguma excessivamente”. (EPITETO, 2014, p. 47).

Pensar na morte, segundo a interpretação de Jaspers, leva-nos a uma tomada de consciência da nossa impotência diante das situações-limite que marcam existência finita. De fato, a morte, enquanto contingência máxima da experiência humana, lembra-nos a todo instante, que há coisas que não dependem de nós, e o sábio (filósofo) é exatamente aquele que não gasta tempo e energia para tentar mudar essas contingências. “Podes ser invencível se não te engajares em lutas nas quais vencer não depende de ti”, diria Epiteto (2014). Para Jaspers, é neste momento em que o homem, ciente de sua fragilidade frente às contingências do mundo e tendo a morte como horizonte próximo e inevitável, começa a filosofar. Isso porque, para escapar ao fracasso que as situações-limite velam, o homem deveria se refugiar na liberdade do pensamento e no cultivo da sabedoria.

Como sabemos, em *Le Petit Prince*, o tema da morte é tratado de uma forma metafórica e simbólica, sobretudo, por meio da figura da viagem, recurso que não seria novidade para um romance infanto-juvenil. Curiosamente, é uma viagem que representa a entrada do príncipezinho na verdadeira existência, a existência da busca pelo conhecimento, e é uma viagem que marca o seu termo. De fato, a consciência de que precisará voltar para casa com as respostas às perguntas que o fizeram sair de seu asteroide, é o elemento que o impulsiona durante o seu percurso. Há, noutros termos, uma consciência aguda da finitude, de que o tempo se avizinha e as respostas aos dilemas que inquietam o seu espírito precisam ser esclarecidos. Esta consciência é percebida, por exemplo, em seu senso de urgência durante a sua viagem interplanetária e nos diálogos travados. Sempre que uma conversa é concluída e o príncipezinho percebe muito mais as contradições de seu interlocutor do que respostas conclusivas aos questionamentos levantados, sua atitude é de evadir-se imediatamente rumo ao próximo planeta. Para ilustrar, vejamos como termina a visita ao planeta do rei:

- Se vossa majestade deseja ser prontamente obedecido, poderá dar-me uma ordem razoável. Poderia ordenar-me, por exemplo, que partisse em menos de um minuto. Parece que as condições são favoráveis...

Como o rei não disse nada, o príncipe hesitou um pouco; depois, suspirou e partiu (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 41).

Assim como os estoicos entendiam ser uma atitude de sabedoria não ocupar nosso tempo para mudar aquilo que está em nosso poder, sobretudo, diante da brevidade da vida, o personagem de Saint-Exupéry também nos lembra dessa lição fundamental: a viagem da existência está posta diante de nós e ela é curta demais para que entreguemos o nosso pensamento a conveniências das respostas superficiais e contraditórias. Na primeira indicação de que não encontraremos ali as respostas sólidas é hora de rumarmos a outros lugares que nos tragam repostas que satisfaçam nossas inquietações mais profundas. Às vezes, existem supostas vantagens em permanecer no planeta da superficialidade. As vantagens, não obstante, ocultam as suas contradições. Isso é visto de modo exemplar na proposta do rei para que o pequeno príncipe fique em seu planeta. “Não partas; eu te faço ministro da justiça”, suplica o rei ao seu visitante sem se dar conta da contradição de sua proposta. Como ele seria juiz de um planeta no qual não havia ninguém para julgar?

Durante a viagem, a consciência da finitude, como vimos acima, leva o príncipe a perceber que as possibilidades de aquisição do conhecimento são limitadas, o que justifica seu senso de urgência. Por outro lado, essa tomada de consciência será expressa no modo como o viajante interplanetário percebe a efemeridade de sua rosa. A descoberta ocorre no diálogo com o geógrafo: “minha flor é efêmera, pensou o pequeno príncipe, e não tem mais que quatro espinhos para defender-se do mundo! E eu a deixei sozinha!” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 56). Esta descoberta o coloca diante de um grande dilema. Diante da efemeridade e fragilidade de sua flor, o príncipe corria o risco de perdê-la para sempre. Por outro lado, se ele não aprendesse a conhecê-la e a amá-la, a flor, de algum modo, também estaria perdida para ele. Por isso, a viagem do conhecimento e do autoconhecimento precisa continuar. Contudo, em face da percepção da brevidade da rosa, não há tempo a perder. A partir dessa descoberta, o senso de urgência do viajante se torna ainda mais agudo. Isso pode ser visto, por exemplo, nos contornos emotivos que o diálogo com o aviador ganha. Ele não consegue entender o tom evasivo do seu interlocutor frente ao perigo iminente de sua flor ser devorada pelo carneiro faminto. A efemeridade da rosa tornava a sua tarefa a mais urgente de todas, muito mais do que insistir no conserto de um avião.

Assim, o pequeno príncipe direciona o sentido de sua viagem (existência) para buscar o conhecimento sobre como lidar com sua rosa. Este esclarecimento só virá após os seus diálogos com a raposa. Após este encontro, ele será capaz de perceber a singularidade de sua flor. E esta singularidade, independente das diferenças e conflitos, a tornava amável. Ela não era como milhares de outras flores, era única no mundo, pois fora ela que ele havia regado e

dedicado tempo, fora ela que ele cativado. Mas esse cativar também implicava na sua responsabilidade para com a sua rosa. Afinal de conta, ele também aprendera com a raposa que nós “nos tornamos eternamente responsáveis por aquilo que cativamos”. Após esta descoberta, nosso viajante interplanetário está pronto para voltar para casa, contando, é claro, com o poderoso veneno da serpente. Está expectativa fica evidente no seu diálogo com o aviador.

“- Estou contente de teres descoberto o defeito de tua máquina. Vais poder voltar para casa...

- Como soubeste disso?

Eu vinha justamente anunciar-lhe que, contra toda expectativa, havia realizado o conserto! Nada respondeu à minha pergunta, mas acrescentou:

- Eu também volto hoje para casa... Depois, acrescentou:

- É bem mais longe ... bem mais difícil...” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p.84).

É como se Saint-Exupéry quisesse nos mostrar que a nossa viagem existencial se concretiza no instante em que somos iluminados pela consciência de que amar significa cativar, e cativar implica no reconhecimento de nossa responsabilidade pelo semelhante. A atitude resoluta do príncipe, antes de se entregar ao veneno da serpente nos faz lembrar a sobriedade e firmeza de Sócrates no encontro final com seus discípulos. Mesmo após ingerir a cicuta mortífera, a serenidade do filósofo parece inabalável. A consciência de que cumpriu a sua tarefa o faz enfrentar a morte sem temor. “Eis a hora de partir: eu para morte, vós para a vida. Quem de nós segue o melhor rumo ninguém o sabe, exceto o deus”. (PLATÃO, 2019, p. 103). O pequeno príncipe tem palavras semelhantes na hora de se despedir de seu amigo aviador: “É bom ter tido um amigo, mesmo se a gente vai morrer. Eu estou muito contente de ter tido a raposa por amiga...” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 77). O personagem parece ser tomado pela mesma consciência socrática de ter cumprido a sua tarefa na existência.

5 – Filosofar e cativar: o anseio pela comunicação existencial

“Vais rever as rosas. Assim, compreenderás que a tua é única no mundo. Tu voltarás para me dizer adeus, e eu te presentarei com um segredo”

(SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 72).

Vimos que Jaspers coloca o anseio de comunicação como a mais importante categoria originária da filosofia. O espanto, a dúvida e a tomada de consciência da impotência em face de nossa finitude são causas, de certo modo, circunstanciais, mas a comunicação possui para ele um caráter mais fundamental. Fazendo jus à sua filosofia existencial, Jaspers (1998, p. 31) entende que apenas “na comunicação se consuma toda a outra verdade, só nela sou eu próprio, não só vivendo, mas cumprindo a existência”. Obviamente, o existencialista alemão emprega a noção de comunicação não apenas em sua acepção epistemológica ou conceitual, como uma espécie de transferência de entendimento para entendimento, mas no sentido de uma autêntica comunicação existencial. Essa autêntica comunicação, marcada pelo diálogo, deve servir para aproximar verdadeiramente os homens. Ela promove, nos termos de Jaspers (1998, p. 32), “um duelo de amor que une profundamente um ser a outro ser”.

A título de esclarecimento, Jaspers aponta dois motivos para justificar o anseio de comunicação como a categoria mais fundamental do pensar filosófico. Antes de tudo, na própria natureza da filosofia está implícita essa tendência à comunicação, ao diálogo, ao debate. Para ele é próprio da filosofia querer ser ouvida, ansiar pela participação, desejar exprimir-se. O segundo motivo é uma consequência lógica do primeiro. Refere-se ao fato de a comunicação ser a finalidade última da filosofia, não apenas o seu fundamento. É somente por meio dela que nos é possível lidar com as questões filosóficas mais decisivas da existência humana, a saber, a apreensão do ser, a claridade do amor e a plenitude da paz.

Voltando ao romance de Saint-Exupéry, percebemos de um modo instigante a tese sustentada por Jaspers que confere à comunicação existencial o estatuto de categoria privilegiada da reflexão filosófica. É precisamente nessa comunicação existencial, evidenciada sobretudo no ato de cativar, que o pequeno príncipe consegue encontrar a resposta ao dilema que inquietou o seu espírito durante a longa viagem. Como expresso no trecho citado na abertura desse tópico, é somente a partir desse diálogo experiencial com a raposa que ele consegue perceber a singularidade de sua rosa e o motivo pelo qual deveria amá-la. Nosso personagem descobre ao mesmo tempo a sua profunda responsabilidade para com ela, tema tão bem desenvolvido pelas filosofias da existência e mais recentemente pela ética tecnológica

de Hans Jonas.

Além de perceber a singularidade de sua rosa, é nessa autêntica troca de existências e no cultivo da amizade que nosso pequeno filósofo encontrará a verdade que servirá de orientação para o restante de sua vida (viagem). “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 72). Eis o segredo compartilhado pela raposa depois de ser cativada. O caráter decisivo dessa descoberta revela-se no anseio do príncipe em comunicá-la aos seus companheiros de viagem, a exemplo do aviador. Quando ele precisa responder ao seu amigo porque os homens do seu planeta cultivam cindo mil rosas num único jardim sem encontrar o que procuram, sua resposta é incisiva: “Seus olhos estão cegos. É preciso ver com o coração...” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 81). A máxima aprendida nos diálogos cativantes com a raposa, com efeito, contém um segredo profundo que mergulha no âmago da reflexão filosófica. Ir além das aparências que olhos cansados pelo hábito podem nos fornecer é, sem dúvida, uma das características mais marcantes da atitude filosófica. Em qualquer tradição filosófica, não importando o tempo ou o lugar, o filósofo é sempre aquele que é capaz de ultrapassar a obviedade das respostas e seus simulacros de verdade.

Seguindo a trilha da reflexão de Jaspers, aprendemos com Exupéry que há uma profunda relação entre o ato de conhecer e a prática de cativar. Se é verdade que cativar consiste em perceber a singularidade de alguém e, ao mesmo tempo, acatar a nossa responsabilidade para com ele, o conhecimento é um elemento indispensável para que esse processo ocorra. Para além da apreensão de conceitos e ideias abstratas, filosofar é tecer relações, edificar amizades, estabelecer diálogos, convergentes ou divergentes, numa profunda e transformadora comunicação existencial. Conforme a lição que aprendemos com a raposa, “a gente só conhece bem as coisas que cativou”. Curiosamente, a relação entre conhecimento e amizade está representada de um modo indissolúvel nos vocábulos que dão origem a própria palavra filosofia. O pensar filosófico é, desde a sua concepção, a junção entre a *filia* e a *sophia*, entre amizade e conhecimento.

O aspecto da comunicação proposto por Jaspers e bem expresso na ideia de cativar do romance de Exupéry nos faz rememorar a antiga relação entre *pólis* e *logos*, existente desde os tempos áureos da filosofia grega. Isso é visto, por exemplo, na célebre doutrina aristotélica do *Zoon Politikon*. Como sabemos, Aristóteles justifica a sua afirmação proverbial de que ‘o homem é um animal político’ no fato dele ser o único portador do dom do *logos*. O *logos* o diferencia dos animais ferozes. Por outro lado, os homens não são autossuficientes como os

deuses, por isso precisam estabelecer relações de complementariedade com seus semelhantes. Desse modo, a vida na *pólis* estaria intimamente ligada ao exercício do *logos*. No final das contas, pelo *logos*, percebemos que carecemos uns dos outros. Isso nos faz recordar tanto a afirmação de Jaspers de que ‘somos alguém apenas com o outro’ quanto a declaração da raposa sobre a importância do cativar: “se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim o único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 68). O aspecto da comunicação, portanto, demonstra que a reflexão filosófica, longe de nos isolar em nossos castelos ideais, nos impulsiona a convivência, a troca de experiências, à reciprocidade do ato de cativar. No final das contas, a filosofia tem em comum com a própria existência a sua natureza dialógica, política e comunitária.

Considerações Finais

Como podemos observar, a narrativa envolvente de Saint-Exupéry nos ajuda a mergulhar nas categorias estruturantes do pensamento filosófico. De algum modo a viagem inquietante do pequeno príncipe tipificam o despertar da reflexão filosófica e a jornada incansável rumo ao conhecimento. Independentemente do tempo ou lugar, o conhecimento de fato principia quando somos tomados pelo espanto diante do mistério que nos cerca, quando o encantamento diante das coisas mais simples enche nosso espírito de perplexidade e admiração e, tal qual o pequeno príncipe, inquirimos o mundo em busca de respostas. As respostas, contudo, nos fornecem uma satisfação inicial, pois, como a viagem do conhecimento é sempre atravessada pelo devir, a cada instante, a dúvida se instaura nos impelindo a buscar novas repostas, a prosseguir a viagem ao universo da episteme. Nessa peregrinação, a consciência de nossa finitude e o horizonte serve para aguçar o senso de urgência da nossa busca. Com o pequeno príncipe somos lembrados que nossa viagem é curta e há um número limitado de possibilidades para buscarmos o conhecimento até que chegue o momento de voltarmos para casa. Por fim aprendemos que a filosofia e o conhecimento em geral são como o ato de cativar, razão pela qual só se efetivam na convivência, na mais autêntica comunicação existencial.

Obviamente, o texto de Saint-Exupéry, por seu simbolismo poético e riqueza imaginativa, nos permitiria explorar uma variedade de temas e conceitos filosóficos. Poderíamos nos debruçar sobre tópicos da epistemologia à ética, da metafísica à estética a partir dos diálogos cativantes do pequeno príncipe. No entanto, o que propusemos aqui foi

apenas sinalizar uma espécie de iniciação filosófica a partir do consagrado texto literário, filosofar com o pequeno príncipe ao sermos tomados pelo seu espanto, permitirmos que a dúvida incomode nossas frágeis certezas na viagem, sermos abalados pelo senso de urgência do conhecimento e nos dedicarmos à mais autêntica comunicação existencial. Assim, fica a indicação do itinerário para novas viagens na companhia do pequeno príncipe.

Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. **Metafísica**. 2. Ed. Rev. (Edição trilingue). Madrid: Gredos S. A. 1982.
- BRANCO, Clécio F. **Isso não é um chapéu: reflexões a respeito de O pequeno príncipe**. Formato eBook Kindle, 2024.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. São Paulo: Record, 2019.
- CÍCERO. **Discussões tuscianas**. Uberlândia: EDUFU, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.
- DESCARTES. **Meditações**. São Paulo: Nova Cultural, 20024.
- EPITETO. **Encheiridion de Epiteto**. São Paulo: Annablume, 2014.
- HEIDEGGER. **Introdução à metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- JASPERS, Karl. **Iniciação filosófica**. Lisboa: Guimarães, 1998.
- LUC FERRY. **Aprender a Viver: Filosofia para os novos tempos**. Brisa Edições: Rio de Janeiro, 2012.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. Cosac Naify, 2002.
- PAVIANI, Jayme. O texto filosófico-literário e o texto literário-filosófico. **Veritas**. v. 48, n. 4, Porto Alegre, dezembro de 2003, p. 549-558.
- PEREIRA, Américo. **A importância da Rosa: estudo sobre a obra *Le Petit Prince*, de Antoine de Saint-Exupéry**. Covilhã: Lusofia, 2014.
- PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Edipro, 2019.
- PLATÃO. **Fédon**. 2. Ed. Coimbra: Livraria Minerva, 1998.
- PLATÃO. **Teeteto**. 3. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- ROHDEN, Luiz; PIRES, Cecília (Organizadores). **Filosofia e literatura: uma relação transacional**. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **Cartas do pequeno príncipe**. Belo Horizonte: Itatiaia,

2008.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **Le petit prince**. Paris: Galliamard, 1999.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

SCHILLER, Friedrich. **Educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 2002.